



PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS DO OESTE DO PARANÁ

Carmem Elisa Henn Brandl¹; Inácio Brandl Neto¹; Gabriela Simone Harnisch²

RESUMO

Justifica-se a pesquisa sobre a Prática Pedagógica em Educação Física tendo em vista as diferentes propostas elaboradas nas últimas décadas, além das dificuldades apresentadas por professores no cotidiano Escolar de legitimá-las no interior das Escolas. O objetivo deste trabalho foi de identificar as formas de ensino predominantes na Prática Pedagógica dos professores de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental das Escolas Públicas e Privadas de um município do oeste do Paraná. Realizou-se uma pesquisa de campo descritiva, com a participação de vinte e três professores, através de observação, descrição e análise de cem aulas. Os resultados apontaram a predominância do Ensino Diretivo, no entanto com grande número de professores que desenvolvem suas aulas através do Ensino Semi-Diretivo e Relacional. Conclui-se que grande parte dos docentes está em um processo de transição entre Práticas Pedagógicas Tradicionais para Renovadoras.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Práticas Pedagógicas; Formas de Ensinar

ABSTRACT

Justified research on Pedagogical Practice in Physical Education in the view of the different proposals developed in recent decades, besides the difficulties presented by

¹ Professores do Curso de Educação Física da UNIOESTE. Pesquisadores do GEPEFE/UNIOESTE.

² Doutoranda do programa de pós graduação em Educação Física da UNICAMP. Professora colaboradora do curso de Educação Física da UNIOESTE)



teachers in the school, daily, to legitimize them within the schools. The objective of this study was to identify the predominant forms of education in Teaching Practice of Physical Education teachers in the early years of elementary school, public and private, in a city in the west of Paraná. It was held a descriptive field research, with the participation of twenty-three teachers, through observation, description and analysis of one hundred lessons. The results showed the predominance of Directive Education, however, a large number of teachers develop their classes through the semi-Directive and Relational Education. It is concluded that most of the teachers are in a process of transition from traditional teaching to renovation.

Keywords: Physical Education School; Pedagogical practices; Teaching Methods

RESUMEN

Se justifica la investigación de la Práctica Pedagógica en Educación Física, con vistas a las diversas propuestas elaboradas en las últimas décadas, además de las dificultades presentadas por los profesores en el diario de la escuela para legitimarlas en el interior de las escuelas. El objetivo de este estudio fue identificar las formas predominantes de la práctica pedagógica de los maestros de Educación Física en los primeros años de la escuela primaria de escuelas públicas y privadas de un municipio del oeste del Paraná. fue realizada una búsqueda de campo, descriptiva, con la participación de veintitrés maestros, a través de la observación, descripción y análisis de cien lecciones. Los resultados mostraron el predominio de la Enseñanza Directiva, sin embargo, con un gran número de maestros que desarrollan sus clases a través de la semi-Directiva y Relacional. Se concluye que la mayoría de los maestros están en un proceso de transición de las prácticas pedagógicas tradicionales para la renovadora.

Palabras clave: Educación Física en la Escuela; Prácticas pedagógicas; Métodos de enseñanza



INTRODUÇÃO

A Prática Pedagógica de Professores de Educação Física das Escolas Públicas da região é um tema que tem orientado nossas pesquisas na última década. A preocupação se dá, por um lado, em função das mudanças “anunciadas” nas bibliografias publicadas desde a década de 80 e 90, e por outro, os resultados de pesquisas sobre as práticas pedagógicas no cotidiano escolar que apontam as dificuldades dos professores de legitimá-las no cotidiano Escolar. Soma-se às nossas preocupações a efetivação da legislação e dos documentos oficiais que orientam os Currículos e Projetos Pedagógicos das Escolas.

Kravchychyn *et al.* (2011) ressaltam que mesmo com a legalidade da disciplina no contexto escolar com a promulgação da LDB há quase duas décadas, o seu *status* não foi legitimado na prática, o que acarreta na falta de identidade e na aplicabilidade da proposta pedagógica da Educação Física no cotidiano da escola.

A história da Educação Física tem mostrado avanços e retrocessos no que diz respeito às Práticas Pedagógicas identificadas no interior das escolas. Muitas das atuais propostas foram elaboradas nas décadas de 80 e 90 do século XX, com algumas adaptações realizadas na primeira década do século XXI. No entanto, o fato de haver mudanças na legislação e nas propostas pedagógicas não tem garantido a materialização das mesmas no espaço Escolar.

Silva; Bracht (2012) ao tratar das mudanças ocorridas na Educação Física Escolar, observaram que a “Educação Física brasileira tem tido muita dificuldade de traduzir seus avanços epistemológicos e teóricos para o campo da intervenção pedagógica, em particular no âmbito escolar” (p.81).

Entende-se por práticas pedagógicas todas as ações desenvolvidas pelos docentes no âmbito das atividades escolares, desde a elaboração do Planejamento até a avaliação da aprendizagem.

Os Projetos Pedagógicos das Escolas participantes da investigação são orientados pelo Currículo Básico da AMOP (Associação dos Municípios do Oeste do Paraná), elaborado em 2008 e reformulado em 2010. Neste documento a Prática Pedagógica é



compreendida como “ação fundamental, pois, na sua efetivação, encontram-se os interesses e divergências da sociedade. Representa um processo amplo em busca de questionamentos, não pronto e acabado, mas sim, de instrumentos que possibilitem uma intervenção consciente da realidade, na perspectiva de transformação” (AMOP, 2010: p.326). Nesta perspectiva, as formas de ensinar e para formação de um cidadão autônomo e crítico são aquelas em que o aluno tem espaço para participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

A presente pesquisa se deu neste contexto regional e profissional, e teve por objetivo principal identificar as formas de ensino predominantes na Prática Pedagógica dos professores de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental das Escolas Públicas e Privadas de um município do oeste do Paraná.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como descritiva com abordagem qualitativa. Para GIL (1991, p.46) a pesquisa descritiva “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”, justificando ainda que este tipo de pesquisa é muito utilizado por pesquisadores que se preocupam com a atuação prática. Roesch (2005) explica que a pesquisa descritiva qualitativa possibilita estudar os fenômenos dentro de um contexto, sendo esta apropriada para a avaliação formativa, bem como para a análise dos resultados na construção de uma intervenção.

O ambiente da pesquisa se deu nas aulas de Educação Física de 23 professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 17 Escolas, sendo 15 públicas e 02 privadas. A coleta das informações foi realizada a partir de observação de aulas com a utilização de um protocolo, elaborado pelos Professores de Prática de Ensino do curso de Licenciatura em Educação Física ao qual o grupo de pesquisadores está vinculado. Auxiliaram na coleta dos dados, dez acadêmicos do 3º ano do curso que estão em período de estágio curricular neste nível de ensino, previamente preparados através de reuniões de estudo e projeto piloto. Cada acadêmico observou e relatou dez aulas, totalizando em cem



(100) aulas assistidas, sendo em média quatro ou cinco aulas de cada professor em diferentes turmas. Os relatórios foram discutidos com os professores orientadores para que se identificasse a forma de Ensino presente em cada atividade da aula.

A análise das informações foi respaldada pelo referencial teórico previamente determinado, e que deu sustentação às categorias de análise. Para identificar as formas de Ensino buscou-se os Modelos Pedagógicos identificados por Becker (1994 e 2001) e interpretados e adaptados por Brandl Neto (1998) como Formas de Ensinar. Becker classifica os modelos pedagógicos em Diretivo, não Diretivo e Relacional.

Para os autores, a Forma de Ensinar Diretiva se enquadra na categoria Tradicional. Nesta Pedagogia o professor dirige (comanda) tudo, é um “expert”, fala verdades absolutas e inquestionáveis, enquanto que o aluno só obedece, fica quieto, não interfere na aula, enfim, é considerado “tabula rasa”. Essa forma de ensinar tende a tornar o aluno passivo, não criativo e acrítico. Sobre a Pedagogia Tradicional, Libâneo (1991) considera que os conteúdos, procedimentos didáticos, relação professor-aluno não têm relação com o cotidiano do aluno, nem com as realidades sociais. Nesta concepção de ensino-aprendizagem, predomina a palavra do professor, as regras impostas, o culto exclusivo ao intelectual. A exposição verbal, a demonstração, a ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos e fórmulas, na memorização, visando disciplinar a mente e formar hábitos, são as principais estratégias e características nesta Pedagogia.

Já no modelo Não Diretivo, que segundo Becker (2001) se caracteriza pelo “deixar fazer”, o professor não interfere ou interfere pouco no processo de ensino/aprendizagem. A consequência provável dessa forma de ensinar é a pouca evolução dos discentes.

A terceira Forma de Ensinar, apontada por Becker, a Pedagogia Relacional/Construtivista, é considerada como Prática Pedagógica Participativa, ou Metodologia ativa. Nesta concepção de ensino-aprendizagem o conhecimento é construído em conjunto entre professor e alunos. Nesta forma de ensinar respeita-se e valoriza-se os aprendizes e seus conhecimentos prévios. Acredita-se na capacidade dos alunos em resolver problemas. Procura-se atender e entender a individualidade e os aspectos afetivos,



ao mesmo tempo em que se propicia o “jogo democrático”. Considera-se o contexto, e as pessoas têm espaço para se manifestarem criativamente e criticamente, e são incentivadas a tomarem iniciativas e a cooperar. Essa forma de Ensino contempla as atuais abordagens pedagógicas da Educação Física, consideradas por Darido e Rangel (2005) como renovadores.

Brandl (1998) em sua pesquisa observou na Prática Pedagógica dos Professores um modelo intermediário entre o Diretivo e o Relacional. Denominou essa forma de ensinar de Semi-diretiva que, segundo o autor, os alunos têm um pouco de liberdade para participar em decisões e/ou sugestões nas aulas.

A Partir dessas formas de Ensinar que passamos a apresentar e discutir os resultados.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a análise dos Relatórios elaborados pelos estagiários e discutidos e avaliados pelos professores pesquisadores e orientadores, chegou-se aos seguintes resultados.

Nas cem (100) aulas assistidas e relatadas foram realizadas 214 (duzentas e catorze) atividades, em média duas ou três atividades por aula. Em cada uma das atividades foi observada a forma de ensinar, neste sentido, pôde-se verificar, em alguns momentos, que na mesma aula o professor utilizou-se de formas diferentes de ensino.

Sobre as formas de ensino, predominou, conforme se pode confirmar no quadro abaixo, a forma de ensinar Diretiva, com um percentual de 37,9% das atividades, seguida da Semi-Diretiva, 31,3% e da Relacional 24,3%. O menor percentual, 6,5% foi do modelo não diretivo.

Quadro 01: Frequência das Formas de Ensinar

Nº DE AULAS		Nº DE ATIVIDADES	FORMAS DE ENSINAR			
			Diretiva	Semi diretiva	Não-diretiva	Relacional
Fi	100	214	81	67	14	52



%	100%	100%	37,9%	31,3%	6,5%	24,3%
---	------	------	-------	-------	------	-------

Além de identificar a forma de ensino no protocolo de coleta de informações, havia um espaço para descrever as ações do professor justificando dessa forma, o enquadramento da categoria correspondente. Essa justificativa foi avaliada, junto com o orientador para finalmente definir a forma de ensino. Apresentamos a seguir as principais justificativas dadas para cada categoria (forma de ensino).

Na forma Diretiva foi observado que: “A atividade foi escolhida e comandada pela professora sem oportunidade de sugestões da turma”; “Os alunos seguiram somente os comandos da professora, sem interferir na atividade”; “A Professora passou a atividade explicando sua organização e regras, sem solicitar sugestões dos alunos, sempre cobrando a realização conforme solicitado”. Ficou evidente que os alunos nestas atividades não tiveram participação ativa, simplesmente reproduziram os movimentos e tarefas determinadas pelo professor.

Em um estudo similar realizado por Oliveira e Daolio (2014), visando compreender as práticas pedagógicas de um professor, os pesquisadores identificaram que nas aulas diretivas, a resistência dos alunos pelas atividades propostas pelo professor era evidente. Foi observado que em dez ou quinze minutos da aula destinado, por exemplo, a atividades de aquecimento, dirigida pelo professor, era considerada uma perda de tempo pelos alunos, principalmente, por não compreenderem o real significado da realização das atividades propostas pelo professor. Os autores concluíram que os alunos apresentavam desinteresse nas aulas trabalhadas de forma diretiva por, basicamente, dois motivos: não se interessar pela atividade proposta (conteúdo), ou à forma com que a mesma era desenvolvida (diretiva)

Tanto em nossa pesquisa, como na pesquisa acima citada, confirma-se o que Becker (2001) e Libâneo (1991) já esclareciam sobre a prática pedagógica diretiva. Os autores escrevem que a relação professor-aluno se distancia dos interesses do aluno, das suas realidades sociais e, que nesta concepção de ensino-aprendizagem, predomina a palavra do



professor, as regras impostas. O professor comanda toda a aula, enquanto que o aluno só obedece, não interfere, não participa, não questiona, tornando-o passivo, não criativo e acrítico.

Na prática pedagógica semi-diretiva, foi observado que “a professora permitiu que na divisão dos grupos para a realização da tarefa os alunos escolhessem seus grupos, mas não abriu possibilidade de sugestões aos alunos durante a execução da atividade”, ou seja, permitiu pequena abertura; em outras atividades “a Professora explicou a atividade e deixou um pouco de liberdade para alunos ajudarem com sugestões e decisões”; “A Professora passou a atividade, porém, sem cobrança ou interferência durante a execução da mesma”. “A Professora explicou a atividade, porém não teve cobranças e os deixou à vontade nas tomadas de decisões na atividade”. Na maioria das situações, houve abertura para participação dos alunos, em maior ou menor grau, mas não aconteceu questionamentos, mediação ou intervenções para a construção do processo ensino-aprendizagem.

Brandl Neto (1998, 2001) e Brandl Neto; Brandl (2009) em uma pesquisa-ação longitudinal, também constataram um percentual significativo da forma de ensinar semi-diretiva. Em seus estudos, os autores verificaram diversos graus de abertura para participação dos alunos nas decisões e sugestões no processo de aprendizagem. Como houve integração, em forma de grupos de estudo e orientações entre pesquisadores e professores pesquisados, durante um período extenso, percebeu-se uma mudança nas formas de ensinar, normalmente evoluindo de semi-diretiva para relacional.

Nas atividades em que a forma de Ensino foi não diretiva, conforme verificado nas justificativas: “Os alunos brincaram da maneira que quisessem, com os materiais que estavam dispostos na quadra, sem nenhuma intervenção ou questionamento da professora”. “A professora deixou com que os alunos desenvolvessem a atividade que quisessem sozinhos, sem interferir em nada”; “Os alunos tinham liberdade para brincar da forma que quisessem, mudavam de atividade, brincando individualmente ou com os colegas”. Pela descrição e justificativas apresentadas nos relatórios ficou evidente que a aula foi



totalmente “livre”, não houve intervenção do professor, nem mediação no processo de ensino-aprendizagem.

Oliveira e Daolio (2014, p. 83), relatam que nas atividades e/ou aulas realizadas de maneira não-diretiva, “o professor é apenas um vigilante das atividades dos alunos, não toma partido de ninguém e de nenhum grupo e, em nome da maior autonomia e liberdade dos alunos, pode, no máximo, fornecer algumas pistas breves”.

Silva e Bracht (2012) complementam afirmando que os professores que atuam de maneira não-diretiva, geralmente, não apresentam pretensão maior do que ocupar seus alunos com alguma atividade, tornando-se recreacionistas, ou compensadores dos momentos de tédio dos alunos durante as aulas que acontecem em sala de aula.

Entretanto, a preocupação em relação a forma de ensinar não-diretiva é de que “na ausência de uma intervenção docente que possibilite ao aluno galgar novos horizontes de conhecimento, os mesmos recorrerão a outras influências” (OLIVEIRA; DAÓLIO, 2014, p. 83).

Já na Relacional, segundo os relatos “houve total inter-dependência entre professor e aluno para a realização da atividade, onde ambos sugeriram e tiveram momentos de fala”; “A Professora iniciou a aula com questionamentos aos seus alunos, estimulando a participação e criatividade dos mesmos para realizar a atividade, neste sentido, observou-se uma melhor construção e andamento da atividade”; “Durante todo o desenvolvimento da atividade, a professora questionou os alunos, fazendo eles reconhecerem qual a melhor ação para resolver a tarefa proposta”. “A professora deu espaço para que os alunos construíssem um novo caminho (com os arcos), não deixando a atividade somente da forma que ela propôs”.

Nesta forma de ensino professor e aluno participam conjuntamente na construção do conhecimento. Pode-se verificar que houve questionamentos, dando possibilidade para ambos participarem das decisões. As atividades foram conduzidas de forma com que o aluno participasse das decisões na solução das tarefas, possibilitando a criatividade.



Silva e Bracht (2012) consideram que os professores que tentam construir práticas num sentido inovador, parecem estar preocupados com a relevância daquilo que vai ser tratado nas aulas para a vida dos estudantes e com o reconhecimento do trabalho que desenvolvem. Acrescentam que para a realização de processos de mudança significativas e persistentes na educação por meio das práticas pedagógicas dos professores, faz-se necessário reconhecer o papel central dos professores no desenvolvimento dos processos educacionais, bem como a valorização e reconhecimento da profissão docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, que teve por objetivo identificar as formas de ensino presentes na Prática Pedagógica dos professores de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental, demonstrou que em grande parte das aulas predominou a forma Tradicional, ou seja, a Diretiva. No entanto, também ficou evidente que significativo número de professores desenvolve suas aulas através do Ensino Semi-Diretivo e Relacional, o que pode revelar um processo de transição entre Práticas Pedagógicas Tradicionais para Renovadoras.

Outro aspecto relevante apontado na pesquisa foi de que a forma de ensino Não Diretiva, apontada em alguns estudos como “aula livre”, “rola bola” entre outras denominações depreciativas, teve um percentual quase insignificante.

Embora o estudo apresente limitações, especialmente em função de tratar de um dos aspectos da Prática Pedagógica, as formas de ensinar, na compreensão dos pesquisadores, representam a relação direta da atuação do professor no cotidiano escolar revelando assim uma dimensão importante das propostas pedagógicas.

O referencial teórico- metodológico, tanto das propostas renovadoras da Pedagogia como da Educação Física, consideram que a relação professor-aluno, no processo de ensino- aprendizagem, para que tenha significado, deve ter a participação ativa de ambos, educar para autonomia e a emancipação, formando cidadão críticos. Essa possibilidade se manifesta especialmente nas Pedagogias Relacionais.



REFERÊNCIAS

- AMOP. **Currículo Básico para escola pública municipal – Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental**. Associação dos municípios do oeste do Paraná – AMOP/ Departamento de Educação. Cascavel, 2010.
- BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Educação e realidade**. Porto Alegre: v.19,n.1,p.89-96,jan./jun.,1994.
- BRANDL NETO, I. **O cotidiano da Educação Física nas duas primeiras séries de Escolas Municipais de Marechal**. Dissertação (mestrado), UNIMEP, Piracicaba, 1998.
- BRANDL NETO, I. Formas de Ensinar utilizadas nas primeiras quatro séries do Ensino Fundamental por profissionais de Educação Física da rede pública municipal de Marechal Cândido Rondon. **Caderno de Educação Física: Estudos e Reflexões**. Marechal Cândido Rondon. v. 3, n.2, p.11-31, 2001.
- BRANDL NETO, I.; BRANDL, C. E. H. Um estudo dos Métodos de Ensino utilizados nas aulas de Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Caderno de Educação Física: Estudos e Reflexões**. Marechal Cândido Rondon. v. 8, n.14, p.19-26, 2009.
- DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O contexto da Educação Física na Escola. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- KRAVCHYCHYN, C.; CARDOSO, S. M. V.; MORETTI, L. H. T.; OLIVEIRA, A. A. B. Educação física escolar brasileira: caminhos percorridos e “novas/velhas” perspectivas. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 1, p. 107-118, jan./abr. 2011.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.



OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Educação Física, prática pedagógica e não-diretividade: a produção de uma “periferia da quadra”. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.30, n.02, 2014, 71-94.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração**. 3 Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SILVA, M. S. da; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. **Kinesis**. v.30, n.1, Jan./Jun. 2012, p. 80-94

Endereço: Rua D. João VI, nº 1984. Marechal Cândido Rondon – Pr.

e-mail: c.brandl@hotmail.com